

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

NÃO É O QUE PARECE, MAS PARECE O QUE É: UM OLHAR DA HISTÓRIA SOBRE O ROMANCE *UM DEFEITO DE COR*

Gabriela Furlan Moraes¹

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade
Estadual Paulista – "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP

gabriela.furlan@unesp.br

RESUMO

O presente texto tem como objetivo apresentar o projeto de mestrado realizado no âmbito do programa de pós-graduação em História da UNESP, sob orientação da Profa. Dra. Virgínia C. Camilotti. O referido projeto propõe-se a realizar uma análise, a partir de uma perspectiva histórica, do romance *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves.

Isto, visto que, na construção da narrativa, a autora utiliza protocolos próprios da narrativa histórica, como a utilização de notas de rodapé e seção de bibliografia, além de apresentar o romance como um relato de memória, ficcionalizando a existência de um manuscrito, de forma que as fronteiras entre história e ficção tornam-se de difícil distinção. Tais características suscitaram muitos questionamentos sobre as noções de verdade histórica, narrativa e discurso, direcionando o olhar de diversos pesquisadores sobre a obra. Sendo assim, o projeto tem por objetivo analisar o romance *Um defeito de cor*, a fim de definir que estatuto tem a obra, bem como explorar seu imbricamento com a história e seu espaço de ocupação dentro das narrativas de povo e de nação.

Palavras-chave: História; Ficção; Narrativas.

¹ Desenvolve a pesquisa "Não é o que parece, mas parece o que é: Um olhar da história sobre o romance *Um defeito de cor*", orientada pela Profa. Dra. Virgínia C. Camilotti.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O projeto intitulado: *Não é o que parece, mas parece o que é: Um olhar da história sobre o romance Um defeito de cor* propõe-se a analisar, a partir de uma perspectiva histórica, o romance brasileiro *Um Defeito de Cor*, publicado em 2006, por Ana Maria Gonçalves.

Ana Maria nasceu em 1970, na cidade de Ibiá, no Estado de Minas Gerais. Formou-se publicitária e trabalhou durante 13 anos como redatora e revisora publicitária, em São Paulo.

Em 2002, cansada da rotina das agências, decidiu viver na Bahia, inicialmente em Salvador e depois na Ilha de Itaparica. Em Itaparica, escreveu seu primeiro romance *Ao lado e à margem do que sentes por mim* (2002), que foi publicado de forma independente. Ainda vivendo na Ilha, Ana Maria iniciou uma pesquisa documental e de campo para escrever seu segundo romance: *Um defeito de cor*, que seria publicado em 2006.

A trama, que conquistou o *Prêmio Casa de Las Américas*² em 2007, é ambientada entre a África e o Brasil do século XIX, e narra a história de vida de uma menina que foi raptada no Daomé, com oito anos, e trazida ao Brasil para ser escravizada. Ao longo da trajetória, que é apresentada pela autora como um relato de memória, o leitor toma contato com aspectos culturais e importantes passagens históricas de um Brasil escravagista, na perspectiva daqueles que foram escravizados.

Assim, é possível imaginar que o papel de Kehindé, e dos demais personagens desta história, seja o mesmo que ao longo do tempo foi se perpetuando no imaginário cultural: personagens oprimidos e passivos em sua própria história. E este é um dos primeiros aspectos que chamam atenção para obra: nem a heroína, nem os demais personagens são passivos, estes lutam a fim de libertar-se de suas condições, cada um à sua maneira, mas todos, apesar das adversidades, protagonistas de sua própria história.

Outro aspecto notável do livro é a narração executada a partir da visão de Kehindé, que vive em um período, e em uma sociedade, nos quais o lugar feminino era

² CASAÑAS, Inés; FORNET, Jorge. *Premio Casa de Las Américas 1960 – 2020*. Fondo Editorial Casa de Las Américas, 2021, p. 268.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

aquele da “figuração”, principalmente se esta mulher fosse negra e escravizada. Contudo, ela faz-se protagonista, participando ativamente de grandes mudanças de sua própria vida e dos lugares em que vive.

Além disso, no prólogo do livro, Ana Maria Gonçalves afirma ter constituído sua narrativa a partir de manuscritos que foram encontrados, por acaso, em uma visita realizada à Dona Clara, uma mulher que Gonçalves teria conhecido em uma igreja, na ilha de Itaparica. Segundo afirma, a autora apenas teria “traduzido” tal manuscrito para o português contemporâneo e completado com a sua imaginação partes que faltavam, ou encontravam-se ilegíveis. Fica ainda sugerida a possibilidade da história não ser de uma anônima, mas sim de Luiza Mahin, a quem a maternidade de Luiz Gama é atribuída, para isso, a autora cita dados conhecidos da vida de Gama, mas sem revelar seu nome explicitamente.

Ainda, no desfecho do livro, foi acrescentada a seção “Bibliografia”, em que estão os títulos que serviram de base para sua escrita. Tal seção, que é imprescindível para narrativas históricas de caráter científico, é muito pouco utilizada em obras ficcionais. Assim, tais recursos geram uma indeterminação do caráter ficcional da obra, instaurando uma aura de veracidade à narração.

Um defeito de cor utiliza, o que Walter Mignolo³ nomeou como, “protocolos” próprios da história, como a utilização de bibliografia e notas de rodapé, para estruturar sua narrativa, e dessa forma produzir um “*effet de vérité*”⁴, uma sensação de verdade, em seus leitores, enquanto traz elementos de desorganização de papéis comumente atribuídos no âmbito da representação cultural. Assim, a narrativa se insere no campo da história, ainda que seja ficção, mesclando as fronteiras entre ficção e história ao ponto de ser difícil perceber suas diferenças.

Linda Hutcheon, em seus estudos, explora um tipo de narrativa identificada como *metaficção historiográfica*, que é característica do pós-modernismo, e em que as

³ MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e Política das semelhanças. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf de. **Literatura e história na América Latina**. Seminário Internacional, 9 a 13 de setembro de 1991. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

⁴ GINZBURG, 1989.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

similitudes entre história e ficção são exacerbadas e demonstradas de modo implícito ao longo da narração, utilizando dos próprios protocolos que definem cada gênero, para contestá-los.

Assim como essas recentes teorias sobre a história e a ficção, esse tipo de romance nos pede que lembremos que a própria história e a própria ficção são termos históricos e suas inter-relações são determinadas historicamente e variam ao longo do tempo. (HUTCHEON, 1991, p. 141)

Segundo a autora, no pós-modernismo a história volta a ser problematizada, tendo em vista que ela está vinculada a um conjunto de pressupostos culturais e sociais contestados, como as noções de homogeneidade temporal, linearidade e continuidade.

Fato é que a escrita do livro pautou-se em longa pesquisa⁵ de Ana Maria Gonçalves, que utilizou também como referência historiadores e documentos do período, de modo que seu romance contém episódios e mesmo personagens que, de alguma forma, existiram no período retratado pela autora.

É perceptível que *Um defeito de cor* dialoga com a *metaficção historiográfica* e levanta uma provocação à historiografia. Em entrevista ao *Suplemento Pernambuco*, Gonçalves afirma:

Talvez tenha que começar [...] com um trecho da nona tese de Walter Benjamim, em *Teses sobre o conceito de História*: [que diz] “*Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele [o anjo da História] vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos*”. Acho que escrever o livro foi basicamente isto: realizar o desejo do anjo da História, poder ignorar a tempestade e deter-me diante dos acontecimentos com as asas e os olhos bem abertos, recortar uma fatia de tempo que, aparentemente pertencia ao passado e revirar suas ruínas. (2017, p.3)

A somatória das características peculiares do livro chamou a atenção da opinião pública e abriu um amplo espaço de debate, no âmbito dos estudos literários, de modo que diversos pesquisadores direcionaram o olhar por sobre a obra.

⁵ITAÚ CULTURAL. **Escritora-leitora Ana Maria Gonçalves.** Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/explore/canal/detalhe/escritora-leitora-ana-maria-goncalves/?utm_source=livros&utm_medium=/explore/canal/detalhe/escritora-leitora-ana-maria-goncalves/&utm_campaign=pagina_busca>. Acesso em: 31 Mar. 2020.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Com o intuito de compreender a recepção do romance por parte destes, foi feita uma seleção e divisão das pesquisas em três categorias interpretativas. A primeira delas escolheu-se nomear como *Interpretação histórica*, isto porque as teses que se enquadraram nesta categoria trazem em sua argumentação a ideia de que *Um defeito de cor* possibilita que o leitor repense a perspectiva de eventos históricos consolidados no imaginário social, preenchendo assim, lacunas que a “história oficial” não abordou. Este viés interpretativo aparece com grande frequência nas pesquisas sobre este romance.

A segunda categoria foi intitulada *Diáspora*. Nesta tendência interpretativa percebe-se uma leitura da obra pautada no conceito de “diáspora”, em que os autores buscaram entender o percurso dos sujeitos diaspóricos, centrando-se na figura dos africanos escravizados como tais sujeitos presentes na história brasileira, e, para isso, usaram *Um defeito de cor* como forma de ilustração.

A terceira categoria intitula-se *Mulher Negra* visto que engloba pesquisas em que a leitura da obra de Ana Maria Gonçalves é feita a partir da noção de que a personagem é uma mulher negra e por isso representa o que uma pessoa com tais características poderia viver durante o período escravagista, dando voz a estas personagens.

É importante ressaltar que, em sua maioria, os pesquisadores parecem atribuir ao romance uma espécie de “realismo”, no sentido de que a narrativa tratar-se-ia de uma vivificação do que “de fato aconteceu” com os negros no período escravagista brasileiro e contribuiria elucidando parte da história do Brasil pouco, ou mal abordada, preenchendo lacunas e dando voz aos sujeitos que a história oficial não dedicou espaço.

No entanto, sabe-se que os historiadores contemporâneos, dentre outras coisas, têm se dedicado a estudar a história dos sujeitos que foram excluídos, dando novas perspectivas para o estudo do período escravagista no Brasil. Portanto, é importante ressaltar que, até o presente momento, todos os pesquisadores selecionados, que estudaram a obra, o fizeram a partir de uma perspectiva dos estudos literários e, portanto, o diálogo proposto pela autora com a historiografia não tem se consolidado.

Sabemos que a indagação a respeito das fronteiras dos gêneros não é novidade, ela tem sido levantada também ao longo da história. A fronteira entre literatura e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

história nem sempre esteve no mesmo lugar, segundo Benatti, até o século XVIII o texto histórico confundia-se com o literário:

A história era concebida como um ramo da retórica e um gênero narrativo particular. Narrar, para o historiador, era, sobretudo contar os acontecimentos notáveis do passado, escrever um relato circunstanciado, registrar os feitos dos grandes homens, seu heroísmo cívico, sua virtude ou santidade, seu exemplo digno de perdurar na memória da humanidade. (BENATTE, 2014, p.68)

Mas a partir do século XIX, momento em que os “metodólogos” da história tentaram dar a ela um estatuto científico, os historiadores passaram a negar a narrativa como parte intrínseca de seu discurso.

Neste processo, a construção da história enquanto disciplina, pautou-se em sua oposição a fábula, ou seja, a narração de fatos considerados falsos. A história buscou narrar aquilo que “de fato aconteceu”, por meio do uso de métodos rigorosos de análise documental, que possibilitassem a criação de um estatuto científico para a disciplina, presando pela objetividade do historiador.

Para alcançar o almejado estatuto científico, foi necessário dissipar qualquer resquício da literatura que pudesse comprometer a objetividade do saber histórico. De modo que, como dentre as ciências naturais, a neutralidade e objetividade para o discurso histórico passaram a ser itens indispensáveis, chegando ao ponto de *tentar* apagar a subjetividade do historiador como escritor da história.

Na visão de Benatti, a historiografia do século XX, apesar de toda a diversidade ideológica e epistemológica que a caracterizou, representou, até os anos 80, uma continuidade em relação a estes ideais científicos do século XIX. Contudo, aos poucos, historiadores descontentes com o estatuto científico da história, começaram a questionar esta posição da disciplina, e tentaram reaproximá-la da literatura.

Este, por exemplo, é o caso de Hayden White, cuja argumentação voltou-se para as similitudes entre história e ficção ressaltando que “as narrativas históricas seriam ficções verbais cujos conteúdos são tanto *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências.” (1994, p. 98, *grifos do autor*).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Paul Veyne enveredou-se pelo mesmo caminho, afirmando que: “A história não é uma ciência e não tem muito a esperar das ciências; ela não explica e não tem método; melhor ainda, a História, da qual muito se tem falado nesses dois últimos séculos, não existe.” (1998, p. 6)

Outros historiadores também têm se dedicado a analisar as fronteiras da história e a sua proximidade com a literatura e outras humanidades, de modo que suscita-nos uma indagação a respeito do papel, e do espaço, dedicado às narrativas históricas na contemporaneidade.

Neste sentido, é indiscutível que o romance de Gonçalves insere-se e traz à tona o debate de fronteiras entre história e ficção, além de enriquecer o debate sobre as narrativas acerca das histórias do Brasil. Contudo, como Millôr Fernandes alerta-nos na orelha do próprio romance: “Mineiro nunca é o que parece. Sobretudo quando parece o que é.”⁶.

Isto porque enquanto levanta todos os questionamentos sobre as narrativas históricas e ficcionais, *Um defeito de cor* ainda conta a história de vida de Kehindé, ou Luísa Mahin, ao mesmo tempo em que conta a história, em parte imaginada pela autora, em parte documentada de Luiz Gama, trazendo a sua figura de volta aos círculos de discussão. Considerando o relato de Ferreira⁷ de que ao longo do século XX a história de Gama foi se esmaecendo e tornou-se estática, fixando uma imagem de “redentor de escravos”, deixando a pluralidade de faces deste homem esquecida, principalmente no que diz respeito ao trabalho intelectual que ele exerceu, essa retomada da figura de Luiz Gama tornou-se no mínimo perspicaz.

Desta maneira, contando a história de uma pessoa: Kehindé, Gonçalves conta a história de outra: Luiz Gama, e chama a atenção para uma figura que teve extrema importância no movimento de resistência à escravidão e mostrou que não tinha apenas a mesma capacidade de produção intelectual dos brancos, em um período em que isso não era acreditado, como superou em grande medida essa capacidade. Tendo exercido o

⁶ FERNANDES, Millôr. Recomendação. In: GONÇALVES, Ana Maria, **Um defeito de cor**. Editora Record, 2006.

⁷ FERREIRA, Lígia Fonseca de (Org.). **Com a palavra Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas**. São Paulo: imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

direito como profissão, utilizou a sua habilidade com a palavra como arma de resistência. Assim, o discurso de Gonçalves posicionou-se de forma extremamente pertinente às pautas ⁸políticas e sociais que estavam vigentes no início dos anos 2000⁹.

A partir disso, o presente projeto tem por objetivo analisar o romance *Um defeito de cor*, a fim de definir que estatuto tem a obra, bem como explorar seu imbricamento com a história e seu espaço de ocupação dentro das narrativas de povo e de nação.

Isto, visto que, segundo Bhabha:

Na produção da nação ocorre uma cisão entre a temporalidade continuísta, cumulativa, do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente do performativo. É através deste processo de cisão que a ambivalência conceitual da sociedade moderna se torna o lugar de *escrever a nação*. (1998, p. 207)

BIBLIOGRAFIA

ANA Maria Gonçalves. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa482564/ana-maria-goncalves>. Acesso em: 27 jun. 2021.

APEXBRASIL. **Série autores brasileiros: Ana Maria Gonçalves**. Disponível em: <<https://portal.apexbrasil.com.br/noticia/SERIE-AUTORES-BRASILEIROS-ANA-MARIA-GONCALVES/>> Acesso em: jul. 2021.

ANDRADE, Marcos Roberto Teixeira de. **A visão periférica da História em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves**. 2010. Disponível em:

⁸ Referência à Lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, nas instituições de ensino fundamental e médio e política de cotas.

⁹ CORTÊS, Cristiane. **Dez anos após lançado, *Um defeito de cor* se firma como paradigma literário**. Suplemento Pernambuco, Recife, n.132, fev. 2017.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

<<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/Marcos-Roberto-Teixeira-de-Andrade.pdf>>

Acesso em: Abr.2020.

ARRUDA, Aline Alves. **A errância diaspórica como paródia da procura em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo e *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves.**

Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/ALINE%20ALVES%20ARRUDA.pdf>> Acesso em: Abr. 2020.

ARRUDA, Aline ALVES. **Identidades e diáspora em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves e *Geographies of home*, de Loida Maritza Peréz.** In: Fazendo gênero 9, Diáspora, diversidades, deslocamentos, 2010.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

AVELAR, Idelber. Lançamento Nacional: Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves.

In: O Biscoito Fino e a Massa, 2006. Disponível em: <http://www.idelberavelar.com/archives/2006/05/lancamento_nacional_um_.php>

Acesso em: 07.Abr.2020.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Editora UFMG. Belo Horizonte, 1998.

BENATTE, Antonio Paulo. História, Ciência, Escritura e Política. In: RAGO, Margareth [et. Al.], orgs. **Narrar o passado, repensar a história.** Campinas, SP: UNICAMP/IFHC, 2014.

BERND, Zilé. **Em busca dos rastros perdidos da memória ancestral: um estudo de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves.** In: Estudos de literatura brasileira contemporânea, n.40, jul./dez. 2012, p. 29-42. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n40/a03n40.pdf>>. Acesso em: Mai. 2020

BORDIEU, Pierre. Leitura, leitores, letrados, literatura. In: BORDIEU, Pierre. **Coisas ditas.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

CAMILOTTI, Virgínia; NAXARA; Márcia Regina C. **História e literatura: Fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil.** In: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 50, p. 15-49, jan./jun. 2009. Editora UFPR.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CAPUANO, Cláudio de Sá. **História e africanidade em *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves.** In: DEALTRY, Giovanna; LEMOS, Masé; CHIARELLI, Stefania (Org.). *Alguma Prosa: ensaios sobre a literatura brasileira contemporânea.* Rio de Janeiro: 7 letras, 2007. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=vRKY44YIE68C&oi=fnd&pg=PA9&dq=um+defeito+de+cor&ots=mKV-rL3m8v&sig=MD0IWrfuc9QXveSPuMvbe8FElu0#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: Mai. 2020.

CORTÊS, Cristiane Felipe Ribeiro de Araújo. **Um defeito de cor: o entre e o duplo da diáspora.** In: Anais XII Seminário Nacional Mulher e literatura. UESC, Ilhéus, 2007. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/sessoes.html>>. Acesso em: Abr. 2020.

CÔRTEZ, Cristiane Felipe Ribeiro de Araújo. **Viver na fronteira: a consciência da intelectual diaspórica em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves.** Faculdade de letras da UFMG, Belo Horizonte, 2010.

CRUZ, Adélcio de Sousa. **Memórias da violência primordial: cenas primordiais em *Um defeito de cor*.** Trabalho apresentado no XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística (SILEL), 2006, Uberlândia.

FERNADES, Millôr. Orelha. In GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

FERREIRA, Ligia Fonseca de (Org.). **Com a palavra Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas.** São Paulo: imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 8º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

GINZBURG, Carlo. **Exphrasis e citação.** In: GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios.* Trad. Antônio Narino, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa.** Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor.** Editora Record, 2006.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

GONÇALVES, Ana Maria. **Uma ficção à procura de suas metáforas**. Suplemento Pernambuco, Recife, n.132, fev. 2017. Disponível em: <<https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/67-bastidores/1783-uma-fic%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-procura-de-suas-met%C3%A1foras.html>> . Acesso em: 27 jun. 2021

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo: História, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

ISER, Wolfgang. **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional**. In: Teoria da literatura em suas fontes. Vol. 2. 3º ed. RJ: Civilização Brasileira, 2002.

ITAÚ CULTURAL. **Escritora-leitora Ana Maria Gonçalves**. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/explore/canal/detalhe/escritora-leitora-ana-maria-goncalves/?utm_source=livros&utm_medium=/explore/canal/detalhe/escritora-leitora-ana-maria-goncalves/&utm_campaign=pagina_busca>. Acesso em: 31 Mar. 2020.

JUNIOR, Marcelo Cruz Dalcom; SOUZA, Lícia Soares de. **Nas entrelinhas de *Um defeito de cor*: desvio, discursos históricos e literários**. Disponível em: <<http://www.anaisabecan2011.ufba.br/Arquivos/DalcomSouza.pd>>. Acesso em: Abr. 2020.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

LIMA, Dulcilei da Conceição. **Luiza Mahin: história, mito, ficção? Repensando uma figura enigmática**. In: Revista África e Africanidades, Ano IV, n.13. Mai. 2011.

LIMA, Dulcilei da Conceição. **LUIZA MAHIN: estudo sobre a construção de um mito libertário**. In: Anais da ANPUH , XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009.

MAAS, Wilma Patricia. **O cânone mínimo: O Bildungsroman na história**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MÉRIAN, Jean-Yves. **Olhares cruzados Brasil/ África no romance de hoje**. XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. USP, São Paulo, 2008. Disponível em:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/006/JEAN_MERIAN.pdf>. Acesso em: Mai. 2020.

MÉRIAN, Jean-Yves. **O negro na literatura brasileira versus uma literatura afro-brasileira: mito e literatura.** In: Navegações, v.1, n.1, p. 50-60, 2008. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/3684/2834>>. Acesso em: Mai. 2020.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e Política das semelhanças. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf de. **Literatura e história na América Latina.** Seminário Internacional, 9 a 13 de setembro de 1991. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993

PIMENTEL, Clara Alencar Villaça. **Crioulização, nomeação e práticas sociais.** Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/Clara-Pimentel.pdf>>. Acesso em: Abr. 2020.

SILVA, Fabiana Carneiro da. **Quando o que se discute é a realidade: Um defeito de cor como provocação à história.** Afro-Ásia, n. 55, 2017, p. 71-109.

ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. **A representação caleidoscópica da corporalidade da mulher negra em *Um defeito de cor*.** Dissertação (Mestrado): Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/tcnrossini.PDF>> Acesso em: Abr. 2020.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.) **Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

SILVA, Ana Maria Vieira. ***Um defeito de cor: escritas da memória, marcas da história.*** Anais do SILIAFRO, n.1. EDUFU, 2012.

SPALDING, Marcelo. Um defeito de cor, um acerto de contas. In: Digestivo cultural, 2006. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2099&titulo=Um_defeito_de_cor,_um_acerto_de_contas> Acesso em: 07.Abr.2020.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

WEINHADT, Marilene. **Um defeito de cor e muitas virtudes narrativas.** In: Revista Letras, n.77. Curitiba: Editora UFPR, jan./abr. 2009, p.107-123.

WHITE, Hayden. O Texto Histórico como Artefato Literário. In: **Trópicos dos Discursos.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p.97-116